

NOTAS SOBRE A DOCÊNCIA: OS GESTOS E AS MANEIRAS DE SER PROFESSOR

Tiago Weizenmann

A docência é um exercício artesanal que mobiliza diferentes saberes e práticas, sejam eles do campo pedagógico ou de áreas específicas do conhecimento. Assim como indicam Karen Christhine Rechia e Caroline Jaques Cubas (2019), estudar o ofício de professor torna-se elemento constitutivo e balizador, devendo ser inerente à sua própria existência. Para além dos conteúdos específicos e das metodologias utilizadas pelo professor, existe algo genuinamente singular sobre a docência e que diz respeito aos gestos, às maneiras e aos modos de se fazê-la. Não interessa, portanto, falar em competências docentes, mas na experimentação da docência que, através de observações, práticas e pensamentos, coloca a escola, a sala de aula e o professor como matéria de estudos (RECHIA; CUBAS, 2019). Dessa forma, a presente escrita dedica-se a fazer um relato de experiência e um exercício de reflexão sobre a docência escolar, reconhecendo a existência de saberes e fazeres formados ao longo do percurso, manifestados por práticas, inspirações, lembranças, leituras e experiências “que antecedem e transcendem a escolha de métodos supostamente redentores” (RECHIA; CUBAS, 2019, p. 111). Dentre esses gestos possíveis, faz-se alusão ao estudo como atitude pedagógica, como um modo de vida e como um elemento constitutivo do ofício de professor.

Depois de mais de vinte anos no exercício do magistério, é frequente o reencontro de discentes nos mais diversos locais, inusitados ou não, seja em postos de trabalho, em atividades culturais, em praças, nas ruas ou até mesmo nas escolas. Existem vivências e memórias escolares compartilhadas, tal como destaca Maurice Halbwachs (2013) quando traz suas ideias para compreender a memória, afirmando a importância do fator social e das relações fundamentais entre o individual e o coletivo.

Em 2021, uma publicação em rede social de uma das primeiras escolas onde as atividades como professor foram desenvolvidas chamou a atenção de maneira especial. De modo geral, tratava-se de uma postagem composta por frases que foram seguidas de uma fotografia, onde aparecem em círculo professor e alunos. Sem marcação de tempo preciso para a imagem, sua data provável situa-se nos primeiros anos de 2000. Um professor bastante jovem na presença de crianças, com idade entre cinco e seis anos, cantando ao som de um violão nas mãos do professor. Dada esta descrição pictórica, o que se traz para o presente

relato é uma frase escrita na seção de comentários por um daqueles alunos, hoje adulto e profissional habilitado como engenheiro civil, e na qual se lê: “Ótimas recordações, tanto desta maravilhosa escola quanto deste ótimo professor, que tem dedo na profissão que escolhi seguir!” (Aluno, 2021). A partir dessa manifestação, apresentam-se reflexões possíveis que produzem sensibilidades e pensamentos para aquilo que tratamos como escolar e para aquilo que pertence à ordem do despercebido, que não recebe alarde e que, mesmo invisível, faz-se presente no tempo-espaço da aula (RECHIA, CUBAS, 2019). Nesse contexto, uma pergunta pertinente atravessa a jornada docente e se dedica a questionar: como um professor das ciências humanas pode ter “dedo na profissão”, na escolha profissional de um jovem que atualmente é engenheiro civil?

A partir desse questionamento, o relato de experiência que se faz não se dedica a aplicar metodologias científicas de investigação acadêmica, com vistas a produzir resultados mensuráveis de análise sobre o exercício do magistério, ou demonstrar eficácias educativas de uma atividade pedagógica aplicada junto a uma classe de estudantes. O que se pretende é lançar atenção para aquilo que também constitui o professor, especialmente seus gestos e suas maneiras de fazer a docência, que permitem habitar este ofício e a escola. Além disso, a manifestação do estudante aqui apresentada reflete uma relação de amorosidade que implica ser professor, que pode ser encontrada nas conexões estabelecidas no exercício docente, nas relações com os alunos e, também, com suas matérias de estudo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015). Somado a isso, como ressaltam Rechia e Cubas (2019, p. 117), essas relações entre professor e alunos/professor e as matérias de estudo não podem ser ensinada, “apenas experienciadas”, trazendo junto a si exigências “como a prática, a perseverança, a dedicação, a atenção e, fundamentalmente, o estudo”.

Finalmente, a docência assume, como a leitura e o ensino, uma forma experimental de existir (NÓVOA; ALVIM, 2022). Mesmo repetida cotidianamente nos espaços escolares, toda vez que acontece, gera um experiência e uma vivência únicas. António Nóvoa (2023) nos diz, neste sentido, que não se trata apenas de transmitir a matéria, mas que ao professor cabe, igualmente, cuidar dos alunos e das relações humanas. Há portanto algo a mais que pode ser tratado ao falar da docência e de suas competências. Algo quase inatingível (RECHIA; CUBAS, 2019), mas sensível e humano como os gestos e as maneiras de um professor.

Palavras-chave: Docência; Gestos; Maneiras; Professor.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da Escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara. **Escolas e professores**: proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, António. **Escolas e professores**: proteger, transformar, valorizar. Palestra de abertura do ano letivo da rede municipal de ensino de Lajeado/RS. 13 de fevereiro de 2023.

RECHIA, Karen Christine; CUBAS, Caroline Jaques. Uma skholé para professores: o estudo como dimensão constitutiva do ofício de professor. **Teoría De La Educación. Revista Interuniversitaria**, 31(2), jul-dez, 2019, p. 109-130.